

Mídia  
Data/Edição  
Categoria  
Evento  
Versão online

Jornal  
15.Set.2019  
Matéria  
Exposicao de Sarah Morris  
<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/dialogo-de-romero-juca-referencia-para-tela-inedita-da-americana-sarah-morris-em-mostra-na-carpintaria-23948052>

Veículo  
Seção  
Autor  
Título

O Globo  
Segundo Caderno  
Nelson Gobbi  
Sarah Morris apresenta suas conexões com o Brasil

# Sarah Morris apresenta suas conexões com o Brasil

Americana exhibe na ArtRio filme captado em cenários cariocas e reúne, em galeria, obras que fazem citações ao país

NELSON GOBBI  
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Em cartaz na Carpintaria, no Jardim Botânico, até 19 de outubro, a exposição "Today we find ourselves at an impasse" ("Hoje nos encontramos em um impasse") marca mais um capítulo da relação de Sarah Morris com o Brasil. Em sua terceira individual no país, a artista americana reúne um conjunto de oito pinturas inéditas e intervenções sobre pôsteres de filmes históricos. Nesta quinta-feira, ela apresenta seu filme "Rio" (2012) na nona edição da ArtRio, às 19h, dentro do Mira, programada a feira dedicada à videoarte.

Iniciada em meados dos anos 1990, a relação entre a

artista e o país se estreitou com a participação na 25ª Bienal de São Paulo, em 2002, e exposições posteriores. O título de algumas das obras inéditas reforçam a ligação. "Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína" é uma citação a "Tristes trópicos" (1955), do antropólogo Claude Lévi-Strauss; já "Num grande acordo nacional" tem uma referência menos nobre: o diálogo vazado entre o ex-senador Romero Jucá e o empresário Sérgio Machado, antes do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016. A tela faz parte da série "Soundgraph", na qual as abstrações emprestam formas a fragmentos sonoros, como o famigerado diálogo.



DIVULGAÇÃO/WENDY BOWMAN



**Conexões.** Sarah Morris volta ao Brasil, onde esteve pela primeira vez nos anos 1990; ao lado, a tela "Num grande acordo nacional", na Carpintaria, realizada a partir de diálogo de Romero Jucá

— Tenho um assistente brasileiro e, claro, conversamos muito sobre política. É interessante o paralelo entre a política brasileira recente e o caso Watergate, a relação

de ambos com os áudios — comenta Sarah. — É fascinante ver como tudo está interconectado. Outro dia estava vendo "The great hack", documentário sobre o escân-

dalo da Cambridge Analytica, é incrível pensar em todas estas conexões, os desdobramentos pelo mundo.

Para Sarah, existe hoje um sentimento global de falta de representatividade política. Em suas obras, contudo, ela está mais voltada a representar a passagem do tempo do que no discurso dos diferentes atores políticos.

— Vejo arte e política como uma coisa só, não dá para separá-las. Mas penso nestas obras como tentativas de criar fatias do tempo. É interessante pensar como fragmentos diferentes do tempo podem estar associados — analisa a artista.

Se os fragmentos sonoros são representados pela artis-

ta em suas telas, em seus filmes a imagem prescindido do som. Em "Rio", as cenas captadas nas ruas, na Cidade de Deus, no Sambódromo ou no escritório de Oscar Niemeyer, pouco antes da morte do arquiteto, ganham ainda mais impacto ao dispensar o som direto ou a fala dos entrevistados.

— Dessa forma, tenho mais controle do que o filme nas locações. As pessoas têm medo do áudio. Geralmente pensamos que as imagens são reveladoras, mas os sons revelam muito mais — frisa. — Nos filmes, eu crio uma obra aberta, é uma colaboração minha com o espectador. É ele quem cria um sentido para aquelas imagens.